

## Como vive o anímico-espiritual no físico do ser humano?

Rudolf Steiner

GA 202\* Décima conferência Dornach, 17 de dezembro de 1920

Tradução: Salvador Pane Baruja, 06/08/2023

Uso particular e sem fins lucrativos

Hoje<sup>NT</sup> eu gostaria de entremear uma observação que os senhores poderiam achar meio fora de lugar, mas que justamente será significativa para a continuidade de nossas atuais discussões. De fato, no decorrer do tempo, reunimos os mais diferentes elementos necessários para chegar ao conhecimento do ser humano. Agora, vamos a incorporá-lo, de um lado, à vida cósmica e, de outro, à vida social. Por isso mesmo, é necessário que hoje chamemos a atenção para algo que pode contribuir à compreensão da essência humana.

Quando hoje se observa o ser humano no sentido utilizado pela Ciência da atualidade, observa-se na verdade apenas uma parte dessa essência humana. Isso ocorre porque não se leva em conta de jeito nenhum que a essência do ser humano tem membros superiores ao corpo físico. Hoje, contudo, não vamos abordar este ponto. Queremos considerar aquilo que, de um lado, as aspirações científicas reconhecem em menor ou maior grau, mas que, de outro lado, já chegou à consciência popular. Na verdade, do ser humano somente é considerado aquilo que, de alguma forma ou outra, é mostrado como sendo o sólido ou o sólido-líquido na sua organização.

Certamente, o líquido e o aéreo que entram e saem do ser humano também são considerados, mas não como partes integrantes da sua organização. O calor que o ser humano tem em si, e que é um calor mais elevado do que o do seu ambiente físico, é tido como um estado do organismo humano, mas realmente não como o seu membro. Logo vamos ver o significado do que estou apresentando.

Como eu já mostrei anteriormente aos senhores, quando se observa a oscilação do nível líquido cefalorraquidiano {liquor} através do canal da medula espinal, vê-se como, através da inspiração e da expiração, esse líquido realiza um contínuo movimento oscilatório para cima e para baixo. Vê-se também como a inspiração puxa esse líquido para o alto, de certa forma bate na organização cerebral, e, durante a expiração, volta a descer. O que ocorre no interior das partes exclusivamente líquidas do organismo humano não é considerado como a ele pertencente. Considera-se que a organização física humana inclui as substâncias que se encontram nas partes mais ou menos sólidas ou, no máximo, nas sólido-líquidas.

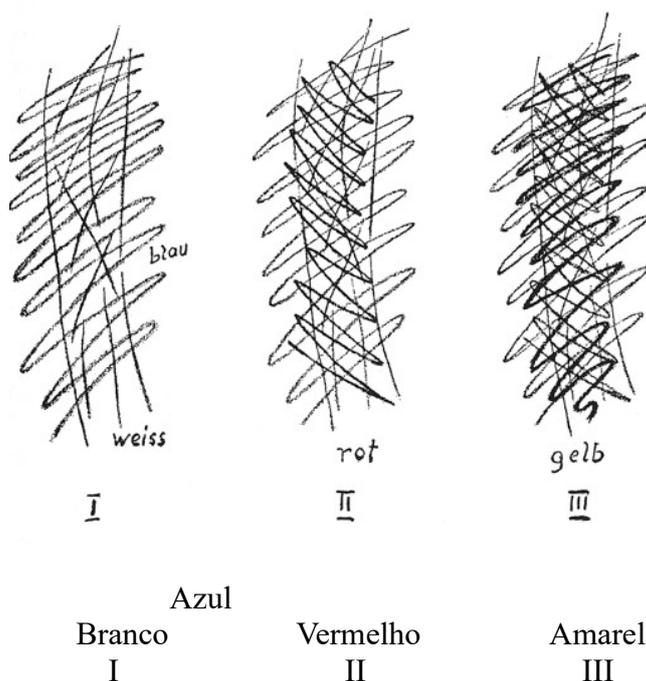
Se eu desenhar de maneira esquemática (veja desenho a seguir), pode-se imaginar que o ser humano está efetivamente constituído dessas substâncias tidas em maior ou menor grau como sólidas, como a substância óssea e outras. Portanto, imagina-se que o ser humano como sendo de certa forma um andaime (branco). O que no ser humano de fato é líquido, conforme mostrei no exemplo do líquido cefalorraquidiano, e aéreo, não é considerado como pertencente ao organismo humano, do ponto de vista da Anatomia e Fisiologia {da Medicina alopática}. Argumenta-se que a pessoa inspira o ar, que percorre algumas partes do seu corpo, realiza algumas funções e é logo expirado.

---

NT: As 16 conferências reunidas neste volume das obras completas de Rudolf Steiner foram proferidas de 26 de novembro a 26 de dezembro de 1920 em várias cidades suíças. O conferencista não leu previamente os textos divulgados como conferências avulsas já a partir de 20 de dezembro do mesmo ano. A atual seleção de conferências foi publicada inicialmente em 1970. O título da presente tradução ao português consta do sumário da mesma conferência editada em 1988. As observações do tradutor são apresentadas entre chaves {}.

Fala-se do estado térmico na pessoa<sup>NT</sup>, mas mesmo assim, no fundo, ainda observa-se somente o elemento sólido e não o {calor} que é organizado. Com isso, não se olha que, além desse sólido, também deveria se considerar que, no conjunto, o ser humano também conta, digamos assim, com uma espécie de coluna líquida (veja a cor azul do desenho abaixo, I). Bem como também com uma coluna de ar (vermelho, II) e que possui um certo estado térmico da cabeça aos pés (amarelo, III). Contudo, uma observação mais acurada revela que, assim como o sólido ou o sólido-líquido deve ser visto como um membro da organização humana, também assim deve ser considerado o líquido que a pessoa tem em si, não como uma massa líquida indiferenciada, mas como uma organização, que, mesmo em flutuação, deve ser pensada como uma organização e que é igualmente significativa quanto a organização do sólido.

Desenho 1



Portanto, digamos que, além do que é certa forma sólida no ser humano, tem que ser considerado o ser humano {no seu estado} líquido e, ainda, {no} aéreo. Em relação à sua estrutura, o ar que levamos em nós é igualmente um organismo, assim como o sólido também é, só que é arejante e em está em movimento. Finalmente, o que nós levamos em nós como calor não é algo uniforme, um espaço térmico que se espalha pelo ser humano, mas está finamente organizado assim como os organismos sólido, líquido e aéreo também estão constituídos. Mas também acontece que, devido à atual constituição humana, assim como o organismo líquido de certa forma ocupa o mesmo espaço do organismo sólido, não se pode falar de organismo líquido sem se mencionar o corpo etérico que penetra e fortalece o organismo líquido. O organismo físico existe inicialmente por si próprio e constitui o corpo físico, que, considerado na sua totalidade, o observamos como um organismo sólido. Inicialmente, falamos de um organismo realmente físico.

NT: Steiner refere-se em algumas passagens explicitamente ao “éter calórico”, que tem um lado telúrico e um outro cósmico, na conferência de 27 de outubro de 1923, na obra *O ser humano, consonância do verbo criador, construtor e formador* Rudolf Steiner-Nachlaßverwaltung Dornach sétima edição 1993 p. 81 (GA 230). Usa-se daqui em diante indistintamente “éter calórico”, “calor” e “calórico” como sinônimos. Na ciência convencional, o conceito de calórico faz parte da hipótese surgida no século XIX sobre o elemento que gera, possui e transmite calor, expressão ainda contida na palavra caloria, que atualmente designa uma unidade fisicamente mensurável de calor.

A seguir, observamos o organismo líquido, que, evidentemente, não pode se pesquisado com o bisturi como se fosse um organismo sólido, mas deve ser compreendido como um organismo que se movimenta em si mesmo, um organismo líquido. Só podemos observá-lo se o pensamos como que perspassado pelo corpo etérico. Temos também o organismo aéreo. Só podemos observá-lo se o pensamos como que fortalecido pelo corpo astral. E finalmente está o organismo calórico, muito mais diferenciado. Só é possível pensar nele se o encontramos como que fortalecido pelo Eu. Assim é o atual ser humano terrestre.

#### Quadro 1

Portanto, temos:

O organismo físico

O corpo físico

Observado de outra maneira, o ser humano {possui}:

1 – O organismo sólido

O corpo físico

2 – O organismo líquido

O corpo etérico

3 – O organismo aéreo

O corpo astral

4 – O organismo do éter calórico

O Eu

Ao observar o sangue, vemos claramente uma consequência do que foi exposto. Na medida em que um componente fundamental dele é líquido, temos, devido a que o sangue pertence ao organismo líquido, o corpo etérico que o fortalece. Mas também temos no sangue aquilo que nós só podemos chamar de o estado calórico {no ser humano}. Só que a organização calórica de jeito nenhum coincide com a organização do sangue líquido. Quando existirem métodos físicos para pesquisar este estado, será possível achar que, mesmo que simplesmente seja registrada a presença de estados calóricos nas mais diferentes partes do organismo humano, eles não coincidem com a organização líquida ou qualquer outra organização.

So que, a partir do momento que se observa a pessoa dessa forma, passa a se ver que não se pode limitar a observação ao interior do organismo humano. Quando se observa somente o mero organismo sólido, pode-se, quando muito, ficar preso {a esse conceito} do organismo humano. Tem-se aí uma construção relativamente fechada, que a pele fecha para fora. Isso é, contudo, meramente aparente, pois o ser humano considera o que se apresenta como sólido como sendo um empecilho sólido e fechado. Mas o sólido é em si mesmo também diferenciado e, sobretudo, se relaciona das maneiras mais diferentes com a totalidade das outras partes sólidas da corporalidade.

O que temos a observar agora é que as diferentes substâncias sólidas têm, por exemplo, pesos diferenciados e, com isso, vê-se que as diferentes partes do organismo humano possuem pesos específicos, o que, de certa forma, afeta diferenciadamente a pessoa. É assim que, devido à sua organização física, o ser humano mantém relações com toda a Terra. Mas, pelo menos em relação às aparências exteriores, é possível limitar espacialmente essa organização física.

A situação da segunda organização, a líquida, que é perspassada pelo corpo etérico, é bem diferente. Esta organização líquida tem a característica de que não pode ser separada rigorosamente do seu ambiente. O líquido em um determinado espaço {do corpo humano} é contíguo a outros líquidos. Mesmo que o elemento líquido inicialmente só se encontra diluído no nosso mundo exterior, não se pode dizer que o líquido que se encontra no interior do ser humano pode ser limitado de maneira estável com o mesmo rigor do que quando se fala do organismo sólido. É por isso que, de certa forma, somos compelidos a diluir os limites entre o elemento líquido no interior do ser humano e o físico no seu exterior.

Essa dificuldade torna-se mais evidente quando consideramos o organismo aéreo, que é fortalecido pelo corpo astral. O ar que enche o nosso interior num determinado momento encontrava-se poucos antes lá fora e logo voltará a sair {do nosso interior}. Encontramo-nos num movimento permanente de entrada e de saída em nós daquilo que é o elemento aéreo. De certa forma, só podemos considerar o ar que envolve a Terra e podemos dizer que ele penetra no nosso organismo e volta a sair. Mas na medida em que penetra em nosso organismo torna-se o nosso organismo. No que tange à nossa organização do aéreo, realmente temos permanentemente um organismo criado a partir de toda a atmosfera {da Terra} e que depois a ela volta.

Isso é assim de fato, só que, a cada processo inspiratório, algo é construído em nós, ou que pelo menos cada processo inspiratório modifica o que existe em nós. É igualmente assim a desmontagem, pelo menos parcial, no processo expiratório. Podemos dizer que, de certa forma, o nosso organismo aéreo é modificado por meio da respiração, não que nasce de novo, mas é modificado, tanto ao inspirar quanto ao expirar. Claro está que, neste último caso, uma pessoa não morre, ela apenas muda, mas acontece uma troca das relações entre o que temos em nós como sendo o organismo aéreo e o ar exterior {a nós}. O que convencionalmente nas representações triviais é tido como o organismo humano surge porque não se considera justamente que o organismo aéreo na verdade só possui uma diferença muito pequena em relação ao organismo sólido.

Isso se dá em maior grau com o nosso organismo calórico. Que convencionalmente não se considerem os organismos líquido, aéreo e calórico tem a ver claramente com a maneira materialista-mecanicista de observação, que só fala do organismo sólido. Mas uma pessoa não poderá a chegar a um autêntico conhecimento do ser humano enquanto ela deixar de considerar que a composição dos membros da entidade humana compreende os organismos líquido, aéreo, calórico e telúrico.

O Eu vive de preferência no organismo calórico. Eu diria que o Eu é mesmo a organização espiritual que, a partir de si mesmo, fortalece o que levamos no éter calórico, que domina e configura, não somente exteriormente limitando, mas também configurando interiormente. Não poderíamos entender o anímico no ser humano se deixarmos de considerar essa ação direta do Eu no éter calórico. Inicialmente, o Eu é aquilo que leva a volição a entrar em ação no ser humano, que lhe atribui o impulso volitivo. Como confere o Eu um impulso à volição? A partir de outras perspectivas, já falamos que os impulsos volitivos estão relacionados com o telúrico, em oposição aos impulsos do pensar, os impulsos de representação, que mantêm relação com o que não é telúrico.

Na medida em que o Eu mantém unidos os impulsos volitivos, qual é caminho pelo qual esses impulsos volitivos impelem rumo ao interior do organismo, à totalidade da essência humana? Isso ocorre em decorrência de que a volição inicialmente age no organismo calórico humano (veja o quadro da página 7). Na medida em que o Eu tem um impulso volitivo, esse impulso age em primeiro lugar no organismo calórico humano. Claro está que, devido às atuais condições telúricas, o que acabei de descrever não pode acontecer na realidade concreta. Mesmo assim, pode ser entendido como sendo algo essencial que existe na natureza humana, desde que não se considere que {somente} a organização sólida se encontra no espaço limitado pela pele do ser humano. Se também abstrairmos os organismos líquido e aéreo, fica então o espaço {no interior do corpo humano} preenchido de calor, que aliás se comunica com o calor exterior. É justamente o Eu que age no interior do calor, que constitui esse calor, que o faz circular em movimentos interiores e que o transforma em um organismo.

Se considerarmos {da mesma maneira} o corpo astral humano, é esse corpo astral humano que inicialmente contém todas as forças dos sentimentos, das sensações. Estas forças vivem no corpo astral de tal forma que o corpo astral por sua vez faz com que essas forças possam agir fisicamente naquilo que constitui a base do organismo aéreo humano. Portanto, pode-se dizer que, como o ser humano é um ser da Terra, seu Eu age por meio do organismo calórico e gera o que se manifesta quando ele adentra o mundo como um ser volitivo. O que o corpo astral vivencia como sentimento e depois age na organização telúrica se apresenta como sendo o organismo aéreo. E se falarmos do organismo etérico, do corpo etérico, ele tem em si – aliás, no início mais como imagem que não é consciente para nós – a verdadeira representação, na medida em que esta é uma imagem, que age no organismo líquido.

Como os senhores podem ver, se observarmos estes organismos especiais do ser humano, passamos a nos aproximar ao elemento astral. O modo de observação materialista que se limita à estrutura sólida, e que fala como se fosse evidente que a água não se organiza – mas ela *se organiza* {NT: no original} precisamente no organismo –, deve encarar, por seu lado, com absoluta incompreensão o anímico que existe diretamente nesses outros organismos {além do sólido}. Eu diria que esse organismo que é realmente sólido, na sua essência, só oferece apoio {físico} para os outros organismos.

Temos aí um organismo sólido que se mostra como sendo uma estrutura de apoio formada por ossos, músculos, etc. É nessa estrutura de apoio que se encaixa o organismo líquido, que é interiormente diferenciado e completamente configurado, e o corpo astral vibra nesse organismo líquido e gera nele os pensamentos. Como são gerados os pensamentos? Eles são gerados na medida em que, por meio de uma determinada metamorfose, aquilo que conhecemos no mundo exterior {ao ser humano} como sendo o som passa a agir {como pensamento} nesse organismo líquido.

Pode-se dizer que o som é algo que, realmente, confunde profundamente o modo como as pessoas observam. Como seres telúricos, nós inicialmente captamos o som como sendo o ar que o carrega. Sim, assim é, mas o ar é apenas o veículo do som, que realmente se entrelaça ao ar. E quem só considera as oscilações do ar como sendo a essência do som age como quem diz que o ser humano só tem um corpo físico e que nele não existe a alma. Quem somente observa o organismo físico, sem ver o anímico no seu interior, se assemelha a quem apenas considera as oscilações do ar como a essência do som, que, na verdade, são somente a sua expressão exterior.

O que vive dentro {das oscilações do ar} é essencialmente o elemento etérico. O som do ar tem realmente sua origem no fato de que o éter sonoro penetra o ar. Na medida em que se mistura ao ar, esse éter repassa ao ar aquilo que existe nele e assim surge o que, na nossa percepção, chamamos de som. Esse mesmo éter sonoro, que ao mesmo tempo é o éter químico e do qual falaremos mais à frente<sup>1</sup>, vive essencialmente no nosso organismo líquido. Por isso, podemos distinguir entre o nosso próprio corpo etérico que vive no interior e o som que permeia o éter sonoro e penetra nele vindo de toda a parte.

## Desenho 2



É importante que os senhores passem a distinguir tudo isso claramente. Nós temos em nós o nosso corpo etérico, que trabalha e age no nosso organismo líquido, na medida em que se reflete nos pensamentos. Mas aquilo que poderíamos chamar de éter químico entra e sai permanentemente do organismo líquido. Em consequência, quando observamos o nosso organismo, vemos um organismo etérico completo, constituído de éter químico, éter calórico, éter de luz e éter vital. Mas temos, especialmente, um éter que entra e sai através do corpo líquido, que é o éter químico.

O corpo astral, que se expressa nos sentimentos, vive por meio do organismo aéreo. Este tem, por sua vez, uma parentesco muito especial com um outro tipo de éter, que o penetra, que é o éter de luz. Visões de mundo mais antigas consideravam especialmente esse parentesco do ar físico que se expande e que está ocupado pelo éter de luz. Este éter, que de certa forma é carregado pelo ar, está mais aparentado à luz do que ao som, e também penetra especialmente em nosso organismo aéreo e se une ao que entra e sai no nosso organismo aéreo. Temos, portanto, o nosso corpo astral, que vivencia em si os sentimentos, que se mostra especialmente ativo no organismo aéreo e se choca permanentemente com o éter de luz.

<sup>1</sup> O tema foi abordado novamente nas conferências de 18 de dezembro de 1920 (a décima primeira conferência da GA 202) e de 20 de dezembro de 1920 (parte da GA 283 *A essência da música e a vivência tonal no ser humano*). Além disso, na conferência de 1º de abril de 1922 (incluída na GA 211 *O mistério solar e o mistério da morte e da ressurreição*). {NT: esta conferência foi publicada sob o título de *Palavra Cósmica e Respiração* pela Editora João de Barros, São Paulo, 2006}. Ainda, na conferência de 4 de dezembro de 1922 (GA 218 *A atuação do cosmos na formação do ser humano*). {Esta última obra foi parcialmente publicada sob o título *A atuação do cosmos na formação do organismo humano* pela Editora João de Barros, São Paulo, 2019, sem incluir a conferência de 4 de dezembro de 1922}.

Também temos o Eu humano. Este Eu humano, que age no organismo calórico através da volição, está por sua vez em contato com o calor exterior {ao corpo humano}, com o éter calórico exterior, que entra e sai.

Em consequência do exposto, temos as seguintes correlações:

Quadro 2

Eu	Volição	Organismo calórico	Éter calórico
Corpo astral	Querer	Organismo aéreo	Éter luminoso
Corpo etérico	Representação	Organismo líquido	Éter químico

Entrementes, pensem os senhores no seguinte: o corpo etérico permanece em nós, mesmo enquanto dormimos, desde o adormecer até o acordar. Durante esse tempo, no interior do corpo humano também agem reciprocamente o éter químico, através do organismo líquido, e o corpo etérico. No caso do corpo astral e o sentir, a situação é diferente. O corpo astral encontra-se fora do corpo humano no período entre o adormecer e o despertar; portanto, o corpo astral não age com o sentir no organismo aéreo, mas o organismo aéreo é sustentado de fora, conforme já dissemos que ele está em contato com todo o mundo ao seu redor.

Na medida em que o ser humano mantém o seu corpo astral em contato com o sentir, ele sai do corpo físico, está portanto fora do corpo humano, e assim chega ao mundo no qual ele está inicialmente em contato com o éter de luz. Entre o adormecer e o despertar, o ser humano vive diretamente dentro daquilo que, enquanto está acordado, lhe é fornecido ao seu corpo astral por meio do organismo aéreo. Com o Eu e o organismo calórico, ocorre de maneira semelhante.

Como os senhores veem, somente dessa maneira é que se chega a uma compreensão da relação do ser humano com o meio ambiente quando de fato se aceita essa estrutura do ser humano, que o método materialista realmente não pode enxergar de jeito nenhum. Tudo no ser humano é perspassado: como o Eu está no éter calórico e também perspassa o organismo aéreo, o líquido e o sólido, perspassa portanto também todos os outros com o organismo calórico, que vive em todos eles. Concomitantemente, o organismo calórico vive no organismo aéreo; o organismo calórico, fortalecido pelo Eu, vive também no organismo líquido.

Esse é o caminho que percorremos quando, por exemplo, queremos conhecer como age o Eu na circulação sanguínea. O Eu age na circulação sanguínea usando o atalho do organismo calórico. O Eu age aí como a entidade que, a partir do calor, envia a volição pelo ar ao interior do {organismo} líquido. É assim que no organismo tudo age concomitantemente. Contudo, não chegaremos a uma conclusão se apenas ficarmos em abstratas representações mentais generalizantes, mas somente quando nos representarmos concretamente como está estruturado o ser humano, como é que tudo aquilo que existe ao seu redor participa de sua organização.

Além disso, somente quando compreendermos com precisão este assunto poderemos entender o estado do sono. Considerem os senhores que, de fato, no estado de sono inicialmente apenas os corpos físico e o etérico estão presentes da mesma maneira como durante a vigília. O corpo astral e o Eu encontram-se fora. Portanto, na medida em que somente os corpos físico e etérico estão presentes na pessoa que dorme, somente pode agir nela aquilo que se encontra dentro dos corpos físico e etérico, inclusive nos organismos aéreo e calórico. No caso do organismo de uma pessoa em estado de vigília, vemos a relação do Eu e do corpo astral com a totalidade do organismo.

Durante o sono, o Eu e o corpo astral se encontram fora {do corpo}, mas mesmo assim temos os quatro elementos no organismo humano: a estrutura sólida, o organismo líquido, mas também o organismo aéreo, através do qual geralmente o corpo astral age, e o organismo calórico, pelo qual em geral o Eu age. Todos eles permanecem no interior do corpo e agem organizadamente assim como o fazem o Eu e o corpo astral durante a vigília.

Precisamente durante o sono, no lugar do nosso Eu que está lá fora, temos o espírito em nós, que geralmente ocupa o mundo e que, ao acordar, o nosso Eu o retira {do corpo}, mesmo sendo ele uma parte do espírito. Temos nosso corpo calórico perspassado pelo espírito do mundo, temos nosso organismo aéreo perspassado pelo que poderíamos chamar de a alma do mundo ou a astralidade cósmica, que ao acordar a retiramos {do corpo}.

Assim, também a partir deste ponto de vista podemos observar o sono e a vigília. Durante o sono, a espiritualidade cósmica está presente em nosso organismo calórico e, quando acordamos, nós a retiramos daí com a ajuda do Eu, que é parte do espírito. Do despertar até o adormecer, o Eu cuida daquilo que, de outra forma, age no organismo calórico por meio da espiritualidade cósmica. Isso ocorre igualmente com a astralidade cósmica, que retiramos {do corpo} ao acordar e que, durante o sono, deixamos que volte a agir em nosso organismo. Portanto, podemos dizer que, na medida em que abandonamos o nosso corpo durante o sono, permitimos que o espírito do mundo penetre em nosso organismo calórico e a alma cósmica, a astralidade cósmica, no organismo aéreo.

Quando se observa o ser humano de maneira suficientemente imparcial, chega-se a uma compreensão de sua relação não somente com o mundo físico circudante, mas também da sua relação com a espiritualidade e a astralidade cósmicas. Ao despertar, de certa forma, o Eu e o corpo astral se incorporam à organização humana e, assim, retiram a espiritualidade e a astralidade cósmicas {do corpo}.

Essa é uma observação de um ponto de vista. Agora, podemos observar pela faceta do conhecimento e os senhores verão que ambas se complementam. Em geral, as pessoas agem de tal maneira que só chamam de conhecimento aquilo que se vivencia pela percepção da vigília até o adormecer, por meio do processamento conceitual da percepção. Dessa maneira, aliás, só passamos a conhecer o ambiente físico ao nosso redor. Certamente, se procedermos conforme a Ciência Espiritual e evitarmos entregar-nos a qualquer tipo de fantasia, não veremos nada imediatamente essencial nas imagens dos sonhos, assim como também não vamos procurar nos sonhos um tipo de conhecimento semelhante ao que buscamos na representação e na percepção enquanto estamos acordados. Mesmo assim, meus caros amigos, de certa ponto de vista, o sonho é uma forma inferior de conhecimento.

Ele é, especificamente, uma forma especial de auto conhecimento físico. Generalizando, já se pode ver como, de certa forma, o ser humano sonha com estados interiores quando, digamos assim, a pessoa acorda sonhando que experimentou o calor de um forno ligado e sente no seu interior esse calor ou algo parecido. Em certo sentido, os sonhos já são configurados {antecipadamente}. Sonha-se com serpentes, quando a pessoa tem algum tipo de desarranjo intestinal. Sonha-se com cavernas, onde a pessoa deve se abaixar, quando sente dor de cabeça, etc. Assim, de forma escura e crepuscular, o sonho aponta para a vida física interior do ser humano e já podemos falar de um determinado tipo de conhecimento inferior na vida do sonho. Que só adquire um caráter mais elevado quando pessoas especialmente sensíveis sonham com reflexos minuciosos do organismo {físico}.

Em geral, nós acreditamos que em estado de sono profundo, no sono desprovido de sonhos, nada podemos conhecer. Consideramos que esse tipo de sono não tem qualquer importância para o conhecimento. Mas não é assim, não. Esse tipo de sono tem sua função, aliás uma tarefa de conhecimento individual, pessoal, para cada pessoa. Se não pudermos dormir, se a nossa vida não fosse permanentemente interrompida pelo sono, não chegaríamos a uma representação clara do Eu, a um nítida vida interior. Estaríamos vivenciando permanentemente o lado exterior da vida e vivendo por completo nela. O ser humano apenas não considera isto adequadamente, porque não se acostumou a considerar de maneira real e objetiva o que ele vivencia anímica e orgânicamente.

Nós olhamos retrospectivamente as imagens de nossas vivências até o ponto em que não podemos mais lembrar o ocorrido. Só que toda essa corrente de imagens é interrompida cada noite pelo sono. Não pensamos que essa corrente de imagens do ser humano vê-se interrompida pelo sono. Essa interrupção faz com que nós de certa forma, e de maneira inconsciente, possamos ver o nada, além de ver um espaço preenchido. Temos aqui um espaço branco e, no meio, uma superfície preta, de tal forma que nós vemos o branco e, no centro, o preto (ele desenha). Ou seja, que perante o branco existe o nada. Isso não é bem assim, mas no momento não é importante. Fato é que vemos um espaço preto, vemos que falta parte da superfície branca, mas ela é igualmente uma impressão positiva, mesmo que não seja uma impressão congruente com a impressão da superfície branca.

### Desenho 3



A superfície preta é igualmente uma impressão positiva. Da mesma maneira, quando olhamos retrospectivamente e nada flui do tempo do nosso sono {em nossa consciência}, isso também é uma vivência positiva. O tempo que dormimos também faz parte da retrospectiva, mas inicialmente não chega à consciência, pois a consciência se liga somente àquilo que fica como imagem da vida que transcorre durante a vigília. Só que essa consciência é consolidada justamente porque a retrospectiva do espaço observado também tem áreas vazias {as áreas pretas sob o fundo branco do desenho no quadro negro} e nela repousa a nossa consciência, enquanto ela permanecer como vivência interior da pessoa. Se a vigília não fosse permanentemente interrompida pelo sono, se a pessoa ficar o tempo todo acordada, ela se sentiria perdida por completo no mundo exterior.

É através do sono desprovido de sonhos que tomamos interiormente conhecimento de nós mesmos. Enquanto que o sonho projeta de maneira caótica imagens isoladas {na consciência}, o sono desprovido de sonhos fornece à consciência do nosso organismo a totalidade da nossa humanidade, que também é conhecimento. Podemos dizer que através da consciência diurna conhecemos o mundo exterior. Através dos sonhos, conhecemos, mesmo que de forma crepuscular e indeterminada, os estados de nossa organização orgânica interior. Por meio do sono desprovido de sonhos, ficamos sabendo de nossa organização geral, mesmo que de maneira abafada e escura. Portanto, já temos três estágios de conhecimento: o sono, o sono permeado de sonhos e a vigília.

Passemos agora para três estágios mais elevados, a imaginação, a inspiração e a intuição. Eles são os estágios mais elevados, acima da consciência diurna, crescentemente mais nítidos, e que fornecem conhecimentos mais nítidos, enquanto que, quando descemos para a consciência cotidiana, temos conhecimentos caóticos, mas que também são importantes para a vida do dia a dia. É assim que, de certa forma, se apresenta a situação no campo da consciência. Não devemos dizer que somente temos a consciência diurna convencional, assim como também não devemos dizer que nós só temos o convencional organismo sólido. Devemos dizer que, aliás, temos o organismo sólido inicialmente como algo que está claramente limitado no espaço, de tal forma que, se pensarmos de maneira absolutamente materialista, vamos compreendê-lo como a organização do ser humano. Devemos pensar que a consciência diurna está aí, que suas representações possuem linhas consistentes. Não devemos pensar que temos somente um corpo sólido nem que contamos apenas com essa consciência da vigília, mas que o nosso corpo sólido inclui o corpo líquido, que possui em si uma organização oscilante, esvanecente, e que, por sua vez, temos a clara consciência diurna perspassada pela consciência do sono, que não apenas possui as imagens de linhas precisas, mas também linhas esvanecentes, onde de certa forma a vida consciente torna-se fluída.

Além do organismo líquido, temos também o organismo aéreo, que inclusive não é alimentado por nós durante o sono, que, portanto, na realidade em parte se relaciona transitoriamente com o nosso anímico, concretamente apenas durante a vigília, mas temos esse organismo muito especial em nós. Ainda contamos com um terceiro estágio de consciência, a consciência escura, a consciência do sono desprovido de sonhos, onde as representações não apenas se diluem, mas também estão como que abafadas numa {espécie de} escuridão interior, onde, portanto, nós deixamos de vivenciar conscientemente a consciência interior, da mesma maneira que, sob determinadas condições, deixamos de vivenciar o corpo aéreo quando dormimos.

Se observamos o ser humano, seja exteriormente, seja interiormente, de qualquer maneira chegamos a uma compreensão mais ampla da essência humana. Partindo do corpo sólido e passando pelo corpo líquido, pelo corpo aéreo e pelo corpo calórico, chegamos ao astral. Começando pela clara consciência da vigília, passamos pela consciência do sono e chegamos ao corporal. Podemos adentrar ainda mais profundamente o corpo físico, na medida em que sabemos que estamos no seu interior por meio da consciência do sono desprovido de sonhos. Ao passar da consciência diurna até a consciência do sono, chegamos ao interior da corporalidade humana, caso considerarmos os membros que constituem a consciência.

Se levarmos em conta a corporalidade propriamente dita, a partir de seu estado sólido até o estágio calórico, abandonamos essa corporalidade. Isto mostra a necessidade de realmente não aceitar simplesmente o que a tendenciosa observação exterior inicialmente apresenta. Temos aí, de um lado, o corpo sólido, ao qual nos ficamos presos pela representação mecanicista-materialista. Do outro lado, temos o anímico, cujo conteúdo na verdade só se apresenta à consciência moderna como sendo a clara vida cotidiana.

Não se parte desta consciência (do Eu) para baixo, pois para baixo chega-se ao corpo. Não se parte do corpo espiritual (o corpo calórico) para baixo, pois, se assim fosse, chega-se ao corpo sólido. Ao contrário, observa-se que os dois não combinam: o corpo sólido, desprovido dos corpos líquido, aéreo e calórico; e a clara consciência diurna, sem aquilo que somente espelha a coporalidade interior, sem a consciência do sono e sem a consciência do sonho.

Quadro 3

↑	Wärmeleib	Ich seelisch	
	Luftleib	Traumbewusstsein	
	Flüss. Leib	Schlafbewusstsein	
	Fester Leib	////	↓

↑	Corpo calórico	Eu anímico	
	Corpo aéreo	Consciência do sonho	
	Corpo líquido	Consciência do sono	
	Corpo sólido	////	↓

Agora, vejamos a partir da Psicologia moderna e perguntemos: como vive esse anímico-espiritual no físico? Sim, os senhores devem considerar que têm os corpos sólido, líquido, aéreo e calórico. Através do corpo calórico, o Eu desenvolve a clara consciência diurna. Mas se descermos nestas considerações chegaremos à consciência do sono; mais para baixo ainda, à consciência do sono desprovido de sonhos. Bem lá embaixo (tracejado), como os senhores sabem através de *A Ciência Oculta* {NT: *A Ciência Oculta Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial* Editora Antroposófica, São Paulo, sexta edição 2006}, ainda existe um estado de consciência, da qual agora não vamos falar.

Pesquisando a relação deste que está aqui à direita com o outro aqui à esquerda, vê-se que ambos combinam, pois lá (a flecha à esquerda) vem-se de baixo para cima passando pelo anímico até aqui na corporalidade (flecha à direita). O que está à direita e o que se encontra à esquerda combinam entre si. Porém, na atual observação exterior, olha-se somente para o corpo sólido e somente para este estado de consciência (Eu).

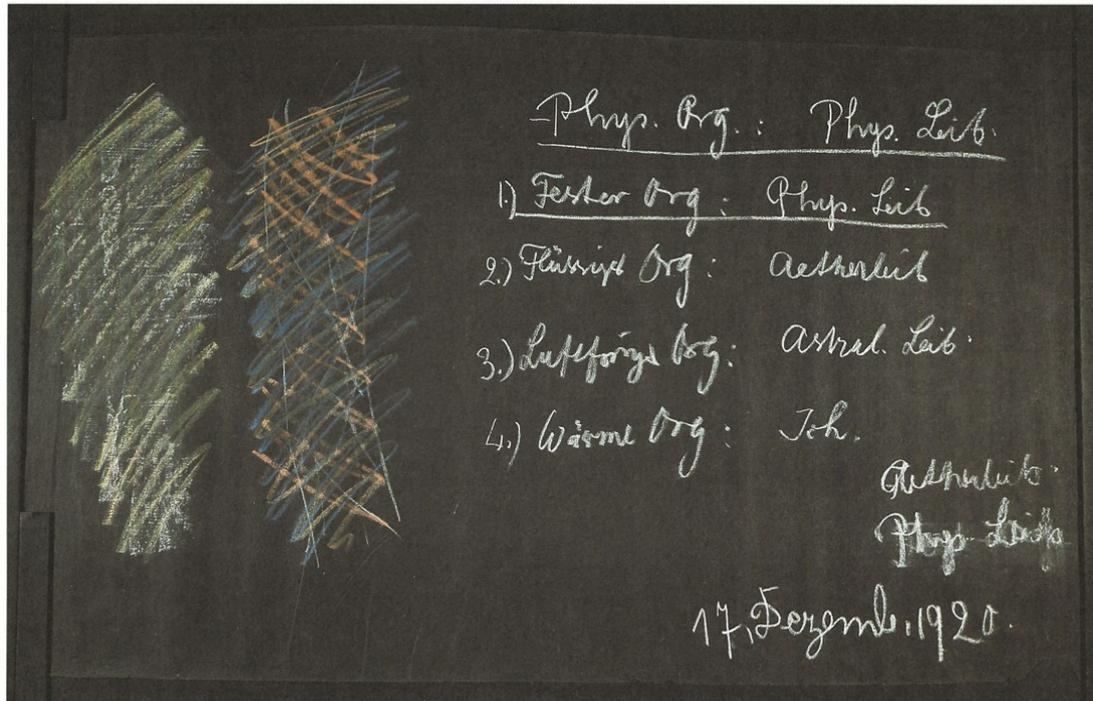
Sim, isto (o Eu) fica pendurado no ar e isto (o corpo sólido) fica no chão e assim não ocorre nenhum tipo de contato entre ambos. Se os senhores lerem a Psicologia da atualidade, verão que a mais incríveis hipóteses são apresentadas para explicar como a alma age no corpo. Mas isso é consequência direta de que só se considera uma parte do corpo e que algo fica de lado, essa parte do anímico.

Nossos contemporâneos ficam furiosos com a Ciência Espiritual, porque ela deve penetrar por toda a parte na totalidade, de forma a criar de fato a ponte entre a corporalidade de um lado e o anímico do outro, ela realmente deve buscar esses estados nos quais o anímico torna-se o corporal e vice-versa, isso os enfurece, porque eles só querem ficar naquilo que oferecem com a tendenciosa observação exterior.

Amanhã vamos a falar mais de tudo isso.

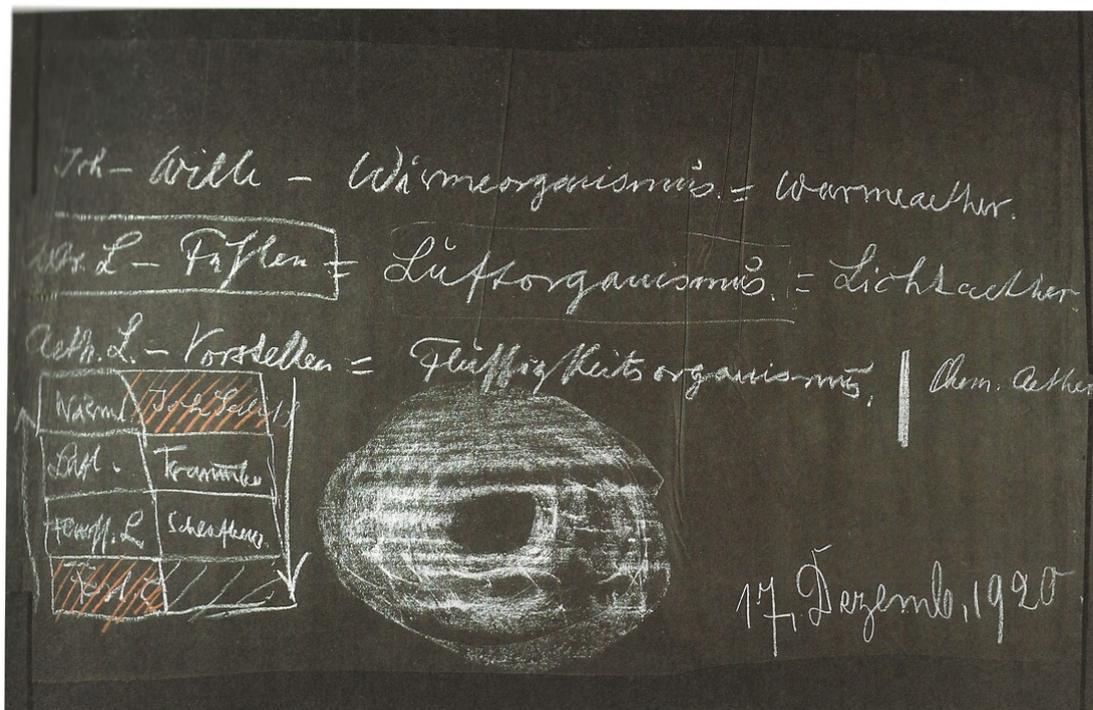
\* GA 202 A ponte entre a espiritualidade do mundo e o físico do ser humano. A busca da nova Ísis, a divina Sofia Rudolf Steiner Verlag quarta edição Dornach 1993.

## Desenhos e quadros sinóticos da conferência de 17 de dezembro de 1920



GA 202 TAFEL 15

DORNACH, 17. DEZEMBER 1920



GA 202 Tafel 16

DORNACH, 17. DEZEMBER 1920

{NT:as fotos acima mostram os desenhos a cor e os quadros sinóticos originais, que ocupam uma página dupla do livro *Rudolf Steiner Wandtafelzeichnungen zum Vortragswerk VI*, páginas 24 e 25, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1989. Na primeiro foto acima, vê-se um desenho a quatro cores, que foi desdobrado em traçados, simbolizando as cores, na GA 202, e reproduzidos na página 2 desta tradução. Assja Turgenieff e Hedwig Frey são os autores desses e os outros trabalhos, todos tirados do que Rudolf Steiner desenhou em papel preto colado ao quadro negro durante a conferência.}

## Tradução da chamada “Meditação do éter calórico”<sup>NT</sup>

### Preparação: como encontro o bem?

1. Posso pensar o bem?

Eu não posso pensar o bem.

Meu corpo etérico provê o pensar.

Meu corpo etérico age no elemento líquido do meu corpo.

Portanto, eu não encontro o bem no elemento líquido do meu corpo.

2. Posso sentir o bem?

Posso sentir o bem, mas, na verdade, ele não está aí graças a mim, pois eu somente o sinto.

Meu corpo astral provê o sentir.

Meu corpo astral age no ar que circula pelo meu corpo.

Portanto, no ar do meu corpo eu não encontro o bem que existe graças a mim.

3. Posso querer o bem?

Eu posso querer o bem,

Meu Eu provê a volição.

Meu Eu age no éter calórico do meu corpo.

Portanto, no calórico posso realizar fisicamente o bem.

### Eu sinto a minha humanidade no meu calor

1. Eu sinto luz no meu calor.

(Prestar atenção para que essa sensação luminosa se manifeste na região onde se localiza o coração físico).

2. Eu sinto a substância universal ressoando no meu calor.

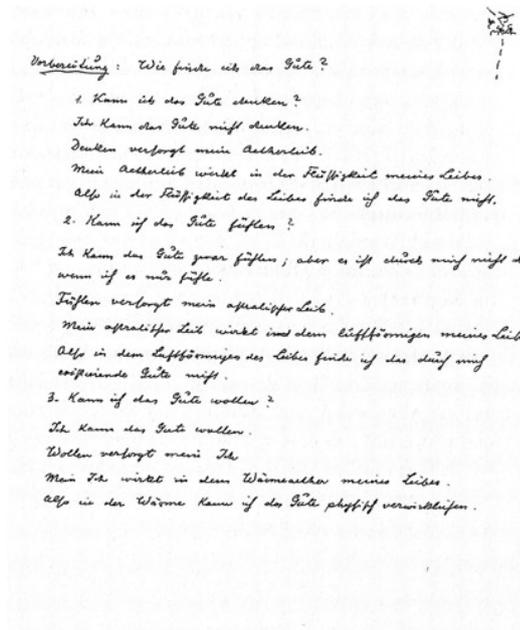
(Prestar atenção para que essa singular percepção do som se espalhe por todo o corpo, do abdome à cabeça).

3. Eu sinto na minha cabeça como a vida universal se faz sentir no meu calor.

(Prestar atenção para que essa singular percepção vital se espalhe a partir da cabeça pelo corpo inteiro).

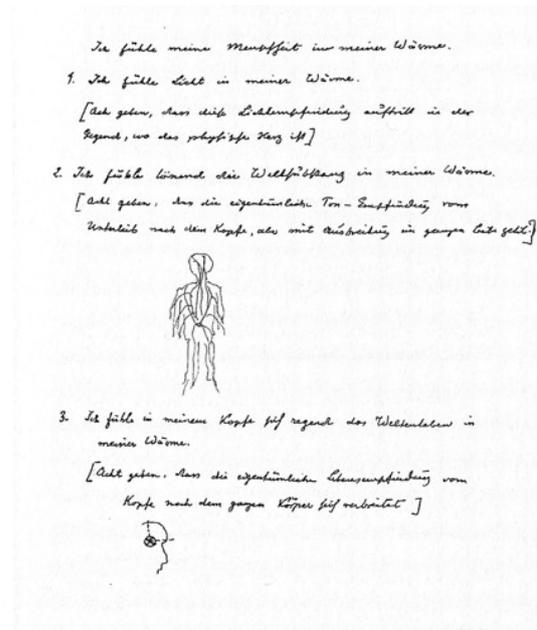
NT: Steiner utiliza indistintamente “éter calórico” e “calor” como sinônimos, conforme explico na nota do tradutor (NT) da página 2 desta tradução. Retirei o texto da meditação dos facsímiles disponíveis no livro *Die “Wärme-Meditation”, Geschichtlicher Hintergrund und ideelle Beziehungen*, Peter Selg, segunda edição 2006 Verlag am Goetheanum Dornach páginas 68 e 69 (*A “meditação do calor”, bastidores históricos e relações ideais*). Segundo Selg, esses documentos se encontram no arquivo de Editora Verlag am Goetheanum. Eles foram publicados n GA 268 - *Exercícios anímicos, mantras II 1903 – 1925*, Rudolf Steiner Rudolf Steiner-Nachlaßverwaltung páginas 296 e 297, notas de arquivo respectivamente números 3221 e 4470, Dornach primeira edição 1999. Há diferenças entre os facsímiles divulgados por Selg e os documentos reproduzidos na GA 268, conforme explico na nota da página seguinte.

## Os originais da chamada “Meditação do éter calórico”



Handschrift Rudolf Steiners  
Seite 1

68



Handschrift Rudolf Steiners  
Seite 2

69

NT: Observa-se nestes documentos que Rudolf Steiner não deu qualquer nome à meditação, bem como não atribuiu o título (“Para os médicos antroposóficos”) nem incluiu a observação (“Para Helene von Grunelius para os médicos, outono de 1923”), acréscimos de autoria do editor da GA 268. Peter Selg, autor do livro citado na página anterior, rebate que a meditação fora entregue à então estudante de Medicina Helene von Grunelius, polêmica que foge do âmbito desta tradução.